Pedagogia da Autonomia. Editora Paz e Terra, 2014.

Resenha

Texto submetido em: 12 maio 2021. Aprovado em: 28 jun. 2021.

SILVA, Noadia Iris. Pedagogia da Autonomia – última obra de Paulo Freire em vida: um convite apaixonado e intenso a todo profissional que pretende ser um educador crítico e autor de sua práxis. *Estudos Universitários: revista de cultura*, UFPE/Proexc, Recife, v. 38, n. 1, p. 457-468, jan./jun., 2021.

DOI: 10.51359/2675-7354.2021.250515

ISSN Edição Digital: 2675-7354

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Pedagogia da Autonomia – última obra de Paulo Freire em vida: um convite apaixonado e intenso a todo profissional que pretende ser um educador crítico e autor de sua *práxis*

Pedagogy of Autonomy – Paulo Freire's last book in life: a passionate and intense invitation to every professional who intends to be a critical educator and author of his *praxis*

Noadia Iris Silva

Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

Doutora em Letras (Linguística)

E-mail: noadia.silva@ufrpe.br

<http://orcid.org/0000-0003-1490-4185>

Resumo

Paulo Freire sempre impressionou pela coragem e clareza em seus posicionamentos e em suas obras. Isso não foi diferente em seu último livro, *Pedagogia da autonomia*, que aponta não apenas a coragem como a ousadia do autor. Freire teve a audácia de definir, entre outros conceitos, o que vem a ser o *pensar certo* ou o *pensar errado* no fazer pedagógico, que ensinar não é depositar conhecimento, que é uma especificidade humana, que o fazer pedagógico tem que estar pautado na autonomia do educando... Tudo isso sem nunca perder a esperança. Este texto tem como objetivo resenhar a última obra publicada em vida do educador Paulo Freire a partir de uma perspectiva afetiva, passando brevemente por sua biografia e por declarações contraditórias feitas por quem ainda não conhece sua obra e posicionamentos do autor diante do mundo.

Palavras-chave: Resenha. Paulo Freire. *Pedagogia da autonomia*. *Práxis*.

Abstract

Paulo Freire has always impressed by the courage and clarity in his positions and in his works. It was no different in his last book, Pedagogy of freedom [Pedagogia da autonomia in Portuguese], which points out not only the courage but also the author's boldness. Freire had the audacity to define, among other concepts, what is right thinking or wrong thinking in pedagogical practice, that teaching is not depositing knowledge, that it is a human specificity, that pedagogical practice must be guided by students autonomy... All this without ever losing hope. This text aims to review Freire's last work published in his lifetime from an affective perspective, briefly going through his biography, contradictory statements made by those who do not yet know his work and the author's positions in relation to the world.

Keywords: Review. Paulo Freire. Pedagogy of freedom. *Praxis*.

O Patrono da Educação Brasileira nasceu em Recife, no dia 19 de setembro de 1921, e faleceu, em São Paulo, no dia 2 de maio de 1997. Logo, neste ano, completaria cem anos. Ao longo de sua trajetória, tornou-se um dos mais importantes pensadores do século XX. Devido à sua prática político-pedagógica libertadora, considerada subversiva no período da ditadura, viveu exilado por 16 anos (1964-1980). O educador tornou-se referência na educação brasileira e mundial por sua teoria do conhecimento, sua coerência e ética, além da forma como educava, sempre priorizando o diálogo e o respeito na busca de um mundo, como ele mesmo dizia: “menos feio, mais justo, menos malvado e onde fosse menos difícil amar” (FREIRE, 1992. p. 21).

Freire argumentou que a leitura do mundo antecede a leitura da palavra e, por isso, defendia que o objetivo da escola é ensinar o estudante a ler o mundo para poder transformá-lo. Para ele, as/os educadoras/es devem levar as/os educandas/os a conhecer os

conteúdos, mas não como verdade absoluta. Dizia que ninguém ensina nada a ninguém, mas as pessoas também não aprendem sozinhas. “Os homens se educam entre si mediados pelo mundo” (FREIRE, 2005, p. 78), ressaltava. Isso implica em um dos seus princípios fundamentais: o de que a/o estudante, alfabetizada/o ou não, chega à escola repleta/o de saberes que não são melhores nem inferiores aos das/os professoras/es. Ou seja, em sala de aula, os dois lados devem aprender juntos, um com o outro; por isso, é necessário que as relações sejam afetivas e democráticas, garantindo a todos a possibilidade de se expressar.

Freire argumentou que a leitura do mundo antecede a leitura da palavra e, por isso, defendia que o objetivo da escola é ensinar o estudante a ler o mundo para poder transformá-lo

O educador pernambucano foi homenageado em muitos países e publicou dezenas de obras, traduzidas para mais de 20 idiomas. Recebeu 39 títulos de Doutor Honoris Causa – 34 em vida e cinco *in memoriam* – e mais de 150 títulos honoríficos e/ou medalhas. Em 2012, foi declarado Patrono da Educação Brasileira. Freire escreveu mais de 20 livros como único autor e 13 em coautoria. O mais famoso, *Pedagogia do oprimido*, foi traduzido para mais de 20 idiomas e, somente em inglês, já foram publicados mais de 500 mil exemplares (ARELARO, 2015).

Outra importante obra, da qual aqui nos ocupamos, é *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*, que,

em 2011, já estava em sua 43ª edição, com mais de 1 milhão de exemplares vendidos. A ideia central do livro é a formação docente permeada pela reflexão sobre a prática educativa em favor da autonomia dos educandos. O livro é composto por 144 páginas distribuídas em três capítulos, cada um deles com nove seções, de leitura fluida e de fácil compreensão.

É um livro que considero simples, mas de ideias profundas. Quando ainda cursava o antigo curso de magistério, fui impactada pela coragem e pela ousadia da obra. Freire (2011) tem a audácia de definir o que vem a ser o *pensar certo* e o *pensar errado* no fazer pedagógico, segundo o qual, para ele, *não há neutralidade*. Até porque, segundo ele, *ensinar exige compreender que a Educação é uma forma de intervenção no mundo*, sendo este o título da seção 3.3 do livro (FREIRE, 2011). Nessa obra, ele destaca que “ensinar exige a convicção de que mudar é possível” (FREIRE, 2011, p. 76). É preciso constatar, não apenas para saber como é, mas para transformar. O livro *Pedagogia da autonomia* fez com que eu me apaixonasse pela Educação, certamente, assim como aconteceu com muitas/os educadoras/es brasileiras/os. Foi o livro que me mostrou que a Educação poderia ser algo desafiante. Para ser mais precisa: poderia ser algo incrível. Em lugar do ensino transmissivo, o aprendizado construído pelas/os educandas/os com auxílio do/a professor/a (FREIRE, 2011).

Quando ainda cursava o antigo
curso de magistério, fui impactada
pela coragem e pela ousadia da obra

O livro mantém-se com uma linguagem clara, como na 1ª edição, de 1996, e introduz a pedagogia da autonomia, explicando as razões do autor para analisar a prática pedagógica do/a professor/a em relação à autonomia do *ser* e do *saber* da/o educanda/o. A única diferença que encontramos na 43ª edição é o título do 1º capítulo, que era denominado *Não há docência sem discência* e, atualmente, é intitulado *Prática docente: primeira reflexão*. Esse capítulo discorre sobre os saberes que Freire considerava indispensáveis à prática docente de educadoras/es e sobre a importância de uma reflexão acerca da formação docente e da prática educativa-crítica. O autor enfatiza que quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender (FREIRE, 2011). Não há docência sem discência, portanto, ambas são sujeitos desse processo e não se reduzem à condição de objeto uma da outra (BORDALLO *et al.*, 2013).

Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender

No segundo capítulo, o autor defende a tese de que *ensinar não é transferir conhecimento*, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou para a sua construção (FREIRE, 2011). Nessa perspectiva, ressalta que ensinar exige consciência do inacabado, o reconhecimento de ser condicionado, respeito à autonomia do ser da/o educanda/o, bom-senso, humildade, tolerância, apreensão da realidade, alegria, esperança, curiosidade e a convicção de que mudar é possível (FREIRE, 2011). Na visão freireana, fundamental é que professor/a e estudantes saibam que suas posturas devem ser dialógicas, abertas, curiosas e indagadoras enquanto falam ou enquanto ouvem (FREIRE, 2011).

Já no terceiro capítulo, intitulado *Ensinar é uma especificidade humana*, Freire (2011) descreve a educação como um ato de intervenção no mundo. Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. A autonomia vai se construindo na experiência de inúmeras decisões que são tomadas a partir de um saber construído (FREIRE, 2011). Aqui, assenta-se a concepção freireana de prática educativa como um exercício constante em favor da produção e do desenvolvimento da autonomia de educadoras/es e educandas/os, não somente transmitindo conteúdos, mas redescobrimdo, construindo e ressignificando esses conhecimentos e participando de suas realidades históricas, pessoais, sociais e existenciais (FREIRE, 2011).

Essas ideias, como já disse, são aparentemente simples e até óbvias, contudo, permanecem sendo objeto de polêmicas, pois, sempre que publicamos algo sobre Paulo Freire, nos confrontamos com reações extremas que vão desde a adesão acrítica de suas teses ao repúdio enfurecido de suas ideias. Tais reações polarizadas me causam um profundo espanto, posto que, penso, aqueles que recebem as propostas de Freire de forma passiva comportam-se antagonicamente à postura incentivada por ele, já os que o repudiam costumam fazer acusações infundadas ao autor. É recorrente, por exemplo, a afirmação, em meios de comunicação de massa, de que Paulo Freire seria um dos principais responsáveis pela suposta má qualidade das escolas públicas brasileiras.

Sempre que publicamos algo sobre
Paulo Freire, nos confrontamos com
reações extremas que vão desde
a adesão acrítica de suas teses ao
repúdio enfurecido de suas ideias

Volto à *Pedagogia da autonomia* e tento descobrir indícios dessa culpa. Não os encontro e penso: um julgamento tão disparatado em relação a tudo que ele fez e escreveu só é possível em tempos estranhos como os que vivemos. Tempos em que a perigosa mistura de ignorância com sede de *justiça* guia o debate. Talvez o aniversário de 100 anos de nascimento do Patrono da Educação brasileira seja uma boa ocasião para vermos se param de pé os argumentos condenatórios. Para citar algumas das acusações mais frequentes: Freire teria desmoralizado a profissão docente; seria o responsável pela perda de autoridade do professor; era doutrinador; e estaria preocupado em criar um exército de militantes (RATIER, 2017).

A alegação de que ele teria destruído a autoridade do professor é, para mim, talvez, a mais difícil de entender. Freire nunca disse que professoras/es e estudantes são iguais. Aliás, em outra obra, *Pedagogia da esperança*, ele afirma justamente o contrário: “os professores não são iguais aos alunos” (FREIRE, 1992, p.118). A principal diferença, diz ele, é o conhecimento didático do educador que precisa saber o que ensinar, como ensinar e ensinar a pensar. Freire (2011) afirma que o educador deve ser um intelectual, pesquisando sobre seu ofício e, principalmente, refletindo sobre sua prática para melhorá-la. A atividade de ensinar é algo sério e que deve ser tratado com todo o rigor, como ele diz em *Pedagogia da autonomia*: “o professor que não leve a sério sua formação, que não estude, que não se esforce para estar à altura de sua tarefa, não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe” (FREIRE, 2011, p. 91-92).

Em segundo lugar, a resposta à acusação de que Paulo Freire seria o responsável pela suposta perda de autoridade do professor nas escolas brasileiras exige uma diferenciação clara entre

autoridade e autoritarismo. Para Freire (2011), o investimento do professor em aprimorar seu conhecimento é central. Além de ser a razão da profissão, é do conhecimento que emana seu respeito e autoridade. O autor combate o medo e a ameaça como estratégias docentes. Isso é autoritarismo, é o sufocamento do pensar do educando. Para ele, deve-se buscar o diálogo como forma de construir conhecimento, respeitando o *saber de experiências feito*, ou seja, os conhecimentos que qualquer pessoa traz para a sala de aula (FREIRE, 2011). Isso não significa envergar a vara para o polo oposto e instaurar um clima de anarquia. Freire (2011) é claro ao dizer que tanto autoritarismo (exagero de autoridade) quanto a licenciosidade (ausência de regras) são rupturas do equilíbrio entre autoridade e liberdade. A disciplina, ele diz, só surge quando ambas estão presentes. É o que o professor deve buscar: “Resultando da harmonia ou do equilíbrio entre autoridade e liberdade, a disciplina implica necessariamente no respeito de uma pela outra, expresso na assunção de que ambas fazem parte de limites que não podem ser transgredidos” (FREIRE, 2011, p. 54).

Freire (2011) é claro ao dizer que tanto autoritarismo (exagero de autoridade) quanto a licenciosidade (ausência de regras) são rupturas do equilíbrio entre autoridade e liberdade

Em terceiro, penso que considerar Paulo Freire um *doutrinador*, o oposto do que ele sempre foi, demonstra completo desconhe-

cimento de sua obra. O livro *Pedagogia da autonomia* expressa com clareza a importância que o pensador confere à curiosidade e ao questionamento. São os motores da Educação. É por meio deles que os educandos constroem conhecimento. Aliás, é pondo em xeque o que sabemos que todos nós aprendemos. Inclusive o próprio Freire, que se definia como um *ser inacabado*, condicionado histórica e socialmente, capaz de mudar justamente por reconhecer esse condicionamento, diz: “gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele” (FREIRE, 2011, p. 53). Freire (2011) defende a mudança. Para que ocorra, ele diz, é necessário, inicialmente, estar aberto a pontos de vista opostos e a constantemente criticar – palavra sempre usada por Freire no sentido de questionar – diferentes opiniões. Especialmente a sua própria: “uma das condições necessárias a pensar certo é não estarmos demasiadamente certos de nossas certezas” (FREIRE, 2011, p. 30-31).

Arelada à acusação de doutrinador, vem a também infundada questão da militância e da sua suposta preocupação em formar *seguidores*. O que está em jogo, aqui, é a acusação de Freire ter defendido governos comunistas e de pregar a favor da revolução. Não se trata, nem de longe, do cerne de sua obra. Esta baseia-se, como dissemos, no diálogo como teoria e prática da Educação, em que a função do professor – vale repetir – é saber o que ensinar, como ensinar e ensinar a pensar. Freire não pratica nem defende o proselitismo. Desconsidera-se, também, o contexto em que muitas dessas colocações foram feitas – nas décadas de 1960 e 1970, durante o auge da Guerra Fria, quando o autor foi exilado pela Ditadura Mili-

tar brasileira. Ainda, congela no tempo o que ele escreveu, como se fosse sua opinião definitiva e escrita em pedra, e não a de um ser inacabado, em constante autocrítica (RATIER, 2017).

Penso que a chave de leitura, sobretudo dos escritos mais antigos de Freire, precisa considerar os aspectos acima. E também aplicar a metodologia freireana do diálogo, exercitando o pensamento crítico e a empatia com alguém que, afinal de contas, é de carne e osso. Paulo Freire não é um oráculo nem uma divindade. Exercitando o pensamento crítico que ele tanto estimulou, posso não concordar com algumas de suas opiniões. Contudo, posso compreender as razões que o levaram a defender, num determinado momento histórico, regimes que, cedo ou tarde, se tornaram ditaduras. O fato é que ele sempre se posicionou, fez escolhas e, em alguns casos, pagou o preço por elas.

Paulo Freire não é um oráculo
nem uma divindade. Exercitando
o pensamento crítico que ele tanto
estimulou, posso não concordar com
algumas de suas opiniões

Nunca teve medo de enunciá-las. Leu Marx, trabalhou com o conceito de classe, mas não se limitou a ele: definia-se como um progressista, encarava a realidade como injusta e lutava para que fosse outra. Como tantas vezes repetiu, não enxergava a Educação como coisa neutra. A que ele propunha, evidentemente, também não era. Entre enquadrar as/os estudantes ou ajudá-las/os a serem autônomas/os, ele opta pela emancipação. Entre a Educação que

reproduz desigualdades e a que as transforma, ele opta pela transformação (RATIER, 2017). Utopicamente, Freire defende uma transformação radical. Numa palavra, revolucionária – é nesse sentido, que não tem a ver com a tomada violenta do poder, que ele emprega o termo em *Pedagogia da autonomia*, leitura indispensável não somente para educadoras/es, mas também para todas/os que, reconhecendo a incompletude inerente à sua condição humana, se movem no sentido de se reinventarem ao longo da vida.

Referências

ARELARO, L. A importância de Paulo Freire. *Carta Capital*, São Paulo, 22 maio 2015. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opinioao/a-importancia-de-paulo-freire/>. Acesso em: 9 maio 2021.

BORDALLO, F. R. et al. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. *Revista de enfermagem UFPE on line*, Recife, v. 7, n. 4, p. 1254-1255, abr. 2013.

FREIRE, P. *Pedagogia da esperança: reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

RATIER, R. Por que os críticos dizem que Paulo Freire é doutrinador. *Revista Nova Escola*, São Paulo, 19 set. 2017. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/6774/por-que-os-criticos-dizem-que-paulo-freire-e-doutrinador>. Acesso em: 9 maio 2021.